UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA MESTRADO EM LINGUÍSTICA

REGIENE ARCANJO DE DEUS

AS OCORRÊNCIAS DAS AFRICADAS [ʧ] e [ʤ] EM CÁCERES E DISTRITO PORTO DO LIMÃO

CÁCERES-MT 2018

REGIENE ARCANJO DE DEUS

AS OCORRÊNCIAS DAS AFRICADAS [ʧ] [ʤ] EM CÁCERES E DISTRITO PORTO DO LIMÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES-MT 2018 © by Regiene Arcanjo de Deus, 2018.

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

DEUS, Regiene Arcanjo de.

D486a

As Ocorrências das Africadas [tʃ] [dʒ] em Cáceres e Distrito Porto do Limão / Regiene Arcanjo de Deus - Cáceres, 2018. 59 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2018.

Orientador: Wellington Pedrosa Quintino

1. Africadas . 2. Distribuição Complementar. 3. Fonética e Fonologia. . I. Regiene Arcanjo de Deus. II. As Ocorrências das Africadas [tʃ] [tʒ] em Cáceres e Distrito Porto do Limão: . CDU 81'34

REGIENE ARCANJO DE DEUS

AS OCORRÊNCIAS DAS AFRICADAS [ʧ] [ʤ] EM CÁCERES E DISTRITO PORTO DO LIMÃO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Orientador - PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz
Avaliadora Interna – PPGL/UNEMAT

Profa. Dra. Áurea Cavalcante Santana
Avaliadora Externa - UFMT

APROVADA EM: __/___/___

A Deus, a quem devo tudo que sou;
A minha família mais que um alicerce presente de Deus;
In memoriam mãe Rita de Deus Silva.

Agradeço primeiramente a Deus que mesmo diante das dificuldades me manteve em pé e lutando, certamente esse não é um mérito meu.

Ao meu orientador Dr. Wellington Pedrosa Quintino, que agradeço imensamente por acreditar em mim, e nesses dois anos me deu o prazer da convivência, mantendo uma relação de amizade que mudou minha vida.

Minha família: filhos, nora, cunhada, neto, irmãos, pessoas que foram companheiras na caminhada, me dando suporte para viver os momentos difíceis, mas de grande crescimento pessoal. Sem essa base não seria possível viver o crescimento profissional que o Mestrado me proporcionou.

Às professoras Dra. Áurea Cavalcante Santana, Dra. Mônica Cidele da Cruz, que na banca de qualificação nos deu contribuições preciosas.

Às professoras Dra. Nilce Maria da Silva, Dra. Sandra Raquel A. Cabral Hayashida, Dra. Ana Luiza Artiaga Rodrigues da Motta que me mostraram um perfil de professora.

Aos amigos do Mestrado, que compartilharam comigo solidariedade e amizade, especialmente, Adélia, Valdirene.

Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra destinaram parte de seu tempo para participar dessa pesquisa de mestrado e a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação, expresso aqui a minha gratidão.

Ninguém vence sozinho!

Obrigada a todos!

RESUMO

Este trabalho apresenta uma abordagem fonética e fonológica das africadas [t] e [dʒ] na cidade de Cáceres se estendendo até o distrito Porto do Limão. Propomos estudar essas variações [tʃ] e [dʒ] que são abordadas de forma diversificada por vários pesquisadores em diferentes áreas, porém nossa grande questão é saber qual o ambiente condicionador dessa variedade cacerense [t] e [dʒ]. Para chegar ao resultado do ambiente condicionador das africadas em Cáceres-MT, utilizamos como suporte par mínimo, distribuição complementar, baseado modelo de Pike (1947). Para análise temos 5 pares mínimos, 40 palavras, com foco nas sílabas e suas realizações e condicionamentos. Diante dos dados verificamos que nas sílabas em coda na posição inicial, medial e final elas permanecem como [ʃ] ou [ʒ] e não como [ʧ] [ʤ]. Já em onset as sílabas passam por uma transição o [ʃ] e [ʒ] são pronunciadas como africadas [tʃ] [dʒ], consequentemente podemos afirmar conforme os dados que na variedade cacerense o /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas da língua e [ʃ] e [ʒ] são alofones. No entanto constamos através dos dados que /t// e /ʤ/ só ocorrem em onset, constatamos que ele é mais recorrente é adquirido primeiramente, ocorre em posição de ataque na posição inicial da sílaba, sendo que [ʃ] e [ʒ] ocorre no início, medial, final da sílaba, logo os dados falaram por si que /tʃ/ e /dʒ/ são fonemas da língua na variedade cacerense e [ʃ] e [ʒ] são alofonia enfatizando que essas fricativas têm duas realizações. Considerando as informações obtidas comprovadamente as fricativas [ʃ] e [ʒ] e as africadas /tʃ/ e /dʒ/ estão em distribuição complementar, pois onde um seguimento ocorre o outro nunca ocorre. Ressaltamos que os fonemas /t// e /dʒ/ não estão em processo de mudança, mas já está constituído historicamente em Cáceres-MT. Portanto é um condicionamento linguístico.

Palavras-chave: Africadas; Distribuição Complementar; Fonética e Fonologia.

ABSTRACT

This work presents a phonetic and phonological approach of the affricates [t] and [dʒ] in the city of Cáceres-MT extending to the district of Porto do Limão. We propose to study these variations [t] and [dz] that are approached in a diversified way by several researchers in different areas, but our great question is to know the conditioning environment of this cacerence variety [1] and [1]. In order to arrive at the result of the conditioning environment of the affricates in Cáceres-MT, we used as a minimum pair support, complementary distribution, based on Pike's model (1947). For analysis we have 5 pairs minimum, 40 words, focusing on the syllables and their achievements and conditioning. In front of the data we find that in the syllables in the initial, medial, and final position they remain as [f] or [3] and not as [ff] [dʒ]. Now onset the syllables pass through a transition the [f] and [3] are pronounced like affricates [tf] [dʒ], consequently we can state according to the data that in the cacerense variety the / tf / and / dz / are phonemes of the language and [f] and [Z] are allophones. However, we note from the data that / tf / and / dz / only occur in onset, we find that it is more recurrent is acquired first, occurs in attack position in the initial position of the syllable, where [f] and [3] occurs in the beginning, medial, end of the syllable, then the data speak for themselves that / tʃ / and / dʒ / are phonemes of the language in the Cáceres-MT variety and [standard are allophonies emphasizing that these fricatives have two realizations. Considering the information obtained, the fricatives [\int] and [\Im] and the affricates / \int / and / ∂ / are in complementary distribution, because where one follow-up occurs the other does not occur. We note that the /tf/ and /dʒ/ phonemes are not in the process of change, but are already constituted historically in Cáceres-MT. So it's a linguistic conditioning.

Key worlds: Africadas; Complementary Distribution; Phonetics and Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Marco entre Brasil-Bolívia representando a divisão entre os dois países	20
Figura 2 – Hidrografia do Paraná com localização do Rio Paraguai	23
Figura 3 – Limites entre o Brasil e a Bolívia	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Fonemas consonantais do Português	. 32
Quadro 2 – Fonemas vocálicos do Português	32
Quadro 3 – Par mínimo com as africadas surda e sonora [tʃ] [dʒ]	. 40
Quadro 4 – Sílabas em coda e onset	. 45
Quadro 5 – Sobreposição um fonema substitui o outro em posição de coda	. 46
Ouadro 6 – Sílabas em onset	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
CAPÍTULO I
FRONTEIRAS
1.1 Breve Histórico da Fundação de Cáceres, Porto do Limão e San Matias
CAPÍTULO II
ASPECTOS DAS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) 28
2.1 Casos de Oposição e Distribuição Complementar
2.2 A Distribuição Complementar das Africadas em Português Brasileiro (PB)
CAPÍTULO III
OCORRÊNCIAS DAS AFRICADAS [ʧ] [ʤ] NA CIDADE DE CÁCERES E
DISRITO PORTO DO LIMÃO
3.1 A Realização das Africadas [ʧ] [ʤ] em Cáceres e no Distrito Porto do Limão 38
3.1.1 Casos de oposição
3.1.2 Casos de distribuição complementar
CONSIDERAÇÕES
REFERÊNCIAS
ANEXO I – Lago que fica entre o marco Brasil-Bolívia
ANEXO II – Planta da comunidade Porto do Limão
ANEXO III – Placa informativa
ANEXO IV – A comunidade Porto do Limão fica as margens do rio Jauru
ANEXO V – Casa ribeirinha nas margens do rio Jauru

INTRODUÇÃO

Nessa dissertação tratamos em discutir o *status* das africadas [f] e [dʒ], atribuídas aos falantes da variedade linguística no município de Cáceres-MT, e na localidade/distrito do Porto do Limão, localizada a 45 quilômetros da Corixa, na fronteira entre o Brasil e Bolívia. Convém destacar por ser área é fronteiriça, há diversidades linguísticas a ser pesquisada, realmente um espaço de grande variedade e complexidade para futuras pesquisas tanto linguísticas como em outras áreas de conhecimento.

Para a realização dessa pesquisa, seguimos os aportes teóricos apontados por Pike (1947) para descrição fonêmica, usamos os símbolos do IPA Alfabeto Fonético Internacional, revisado em 2005.

Nosso objetivo é descobrir se as ocorrências das africadas, na variedade de Porto do Limão, distrito de Cáceres, estão condicionadas a uma Distribuição Complementar, ou se se encontram em Oposição ou ainda se estão em Variação Livre, nos termos de Pike (1947). No caso de estarem em Distribuição Complementar, interessa-nos saber qual o ambiente condicionador das africadas [ʧ] e [dʒ] destacamos que nossa pesquisa inicia no município de Cáceres-MT, e segue até o distrito Porto do Limão, conforme já expomos uma área de fronteira Brasil-Bolívia.

Para chegar ao nosso objetivo fizemos uma lista com 40 palavras diversificadas que continha [ʧ] [ʤ] pedimos para nossos informantes lerem, destacando que os informantes têm entre 18 a 60 anos de idade, durante a leitura usamos como suporte gravador e conversas informais.

Levando em consideração que existe uma regra para realizações das africadas [ʧ] e [ʤ], os fonemas no português padrão /t/ e /d/ se realizam como [ʧ] e [ʤ] somente antes da vogal anterior alta [i]. Por conseguinte o par mínimo são vocábulos que diferem apenas por um som, as palavras devem ter o mesmo número de sons e o acento deve ser na mesma sílaba e devem apresentar significados diferentes, o que não se verifica no caso da troca do [t] por [ʧ] e [d] por [ʤ], pois as duas africadas só vão ocorrer antes da vogal anterior alta [i].

A presente dissertação organiza-se em 3 capítulos. No primeiro capítulo abordamos o tema Fronteiras e tentamos fazer sua diferenciação com Limites. Optamos por começar com essa discussão posto que nosso objeto de estudo se realiza num lugar de fronteira. Nossa pesquisa foi realizada na área entre o Brasil e a Bolívia, como já dissemos. Fizemos um breve histórico da fundação da cidade de Cáceres, buscamos mostrar a constituição da comunidade Porto do Limão e nos estendemos até San Mathias já na Bolívia.

No segundo capítulo tratamos de resgatar alguns aspectos fonéticos, aspectos mais gerais da fonologia do português brasileiro. Pontuamos assim, casos de oposição, distribuição complementar e, em especial, a distribuição complementar das oclusivas dentais e das africadas no português brasileiro.

No terceiro capítulo apresentamos algumas características gerais que orientam a variedade de fala na cidade de Cáceres com foco na realização das africadas em Cáceres até Porto do Limão. Analisamos os casos de oposição, identificando pares mínimos, e retomamos os casos de distribuição complementar. Nas considerações finais fazemos uma síntese do trabalho e dos resultados obtidos.

CAPÍTULO I FRONTEIRAS

É inicialmente importante diferenciar fronteira e limite. Ao contrário do que muitos possam entender, limite é uma noção artificial, visto que é de fato a delimitação que se cria entre territórios, é a conexão delineada que divide ou que tende a afastar cultura, línguas, povos.

A fronteira, por sua vez, é todo o espaço que envolve o limite. Segundo Garcia (2010, p. 14), uma fronteira pode ser vista como "um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição, onde tudo acontece é o ápice dos acontecimentos entre povos de diferentes culturas. Com este domínio, uma fronteira pode desprender ou libertar. Mas pode também integrar." O termo "limite" está relacionado a um traçado preciso, linear e evidentemente definido no terreno. A expressão fronteira, por sua vez, possui maior abrangência e refere-se a uma região ou faixa. Pode ser também entendida como uma região fronteiriça.

Comumente vistos como sinônimos, os conceitos de limite e fronteira possuem diferenças e expressam dinâmicas territoriais, culturais e sociais distintas entre si.

Os limites relacionam-se com a ideia de divisão e, em geral, são estabelecidos por acordos e tratados entre dois ou mais países. Por meio desses acordos, são criados os traçados, que podem ser definidos por características naturais ou artificiais.

As fronteiras entre países foram estabelecidas no decorrer da história, pela ocupação populacional, acordos entre nações ou conquistas militares. Historicamente as fronteiras foram, em geral, influenciadas por fatores étnicos, linguísticos e culturais de uma dada população.

Os países europeus que estabeleceram essas fronteiras não levaram em consideração as diferenças étnicas, linguísticas e religiosas dos povos locais, o que resultou em conflitos étnicos e religiosos que persistem até os dias atuais.

Portanto, os limites referem-se a uma determinação legalmente fomentada e estabelecida por um acordo formal ou uma convenção. Já as fronteiras são mais dinâmicas, referindo-se às trocas e relações culturais, econômicas, militares, religiosas etc.

Entre os autores brasileiros que realizaram significativas revisões sobre o tema das fronteiras e limites, estão: Martins (1997); Martin (1998); Silva (2001); Ribeiro (2002). Além de outros autores que tiveram relevância no tema em outros campos da ciência, como a Geopolítica. Na análise de Ratzel (1998), a origem da fronteira reside no movimento humano. Para Martin (1998, p. 15-16), "a fronteira poderá avançar se as condições vitais o favorecerem [...] ou se o movimento no sentido contrário enfraquecer [...]". As noções de fronteiras de Ratzel

influenciaram também na análise de Curzon acerca do tema. Elas aparecem em partes do seu texto, apesar deste último ponderar que a posição geográfica, caráter do povo e agentes físicos não se constitui nas únicas causas atuantes no desenho das fronteiras (RATZEL, 1998).

O termo cunhado para as fronteiras dessas unidades era limes, que significa confim entre dois campos (MARTIN, 1998). Para o autor, "a palavra 'fronteira' é derivada do antigo latim 'fronteira' ou 'frontaria', que indica a parte do território situada 'in fronte', isto é, nas margens" (MARTIN, 1998, p. 21). A transição de saber o conceito de fronteira na história vem modificando o seu significado. Nesse contexto específico, os autores que tratam do tema são os pioneiros no significado de novas categorias da noção de fronteira certada com a periodização. Entre as noções acerca do conceito de fronteira há uma especial atenção para a formação do Estado Moderno.

Para Martin (1998, p. 35-36) foi a partir da "constituição do sistema moderno [...] a problemática das fronteiras [...]" confunde-se com a questão das nacionalidades. Na afirmação do poder político, o Estado passa a exigir o "estabelecimento de limites rígidos e precisos tanto quanto possíveis entre as sociedades 'nacionais'". A partir da constituição da soberania como fundamento do Estado, o limite passa a ser um instrumento, cuja finalidade seria de término da ação desse sistema.

À medida que essas noções foram se modificando novas atribuições foram sendo determinadas aos recortes fronteiriços. Daí novas categorias e classificações foram sendo incorporados, tanto espacialmente, como temporalmente, na análise das fronteiras como limites dos territórios. No estudo da evolução dos limites, Richard Hartshorne introduz o contexto histórico e cultural (MACHADO, 2000). Para o autor e seus colaboradores (Derwent Whittlesey e Stephen Jones)¹ os limites internacionais poderiam ser classificados de acordo com a paisagem cultural. Para eles ocorreriam mudanças ao longo do tempo e, também nas etapas de delimitação e demarcação dos territórios em relação à ocupação da fronteira. Exemplificam uma tentativa de descobrir as adaptações das fronteiras aos fatores de ocupação humana e uso da terra e ao desenvolvimento de culturas e costumes diferentes. Nessa análise, os autores sugerem que se considerasse a classificação de acordo com o período de estabelecimento do limite político.

apud SILVA, 1941, p. 137).

¹ Essa classificação proposta por Richard Hartshorne, Derwent Whittlesey e Stephen B. Jones se caracterizou por definirem denominações como: Fronteiras antecedentes, quando foram antecedentes ao povoamento; subsequentes, quando foram subsequentes ao desenvolvimento do aspecto cultural que prevalece; superimpostas ou sobrepostas, quando cortam áreas nas quais há unidade cultural e; consequentes são as estabelecidas em região escassamente habitadas ou em zonas onde obstáculos as comunidades produzem efeito de barreira (BOGGS 1940)

As concepções levantadas evidenciam que a fronteira opera sob uma base espacial e histórica. Portanto, a circunscrição de uma unidade² territorial não ocorre sem a definição de suas fronteiras. Para Foucher (2009, p. 22) essa circunscrição "formam o quadro da atribuição e da transmissão de uma nacionalidade, de uma cidadania como ligação jurídica de um Estado a sua população constituinte". Vários aspectos que caracterizam e limitam as unidades territoriais foram evoluindo ao longo da história. Entre os aspectos que evoluíram na caracterização dos limites internacionais foram os instrumentos demarcatórios. Esses instrumentos estão aportados na determinação tecnológica e vai desde características topológicas até linhas imaginárias definidas ideologicamente.

No entanto, as fronteiras são marcadas por uma dualidade intrínseca, pois atraem e se afastam, "[...] são zonas de contato e de separação ao mesmo tempo" (MACHADO, 2000, p. 42). Em geral, nascem como áreas periféricas que engendram desigualdades, portanto, como lugar "a fronteira é o envoltório de um conjunto de instituições, de práticas, de sujeitos e modos de vida que ocorrem ali e não em outro lugar" (ZUSMAN, 2000, p. 92).

Pratt (1999), ainda traz grandes contribuições sobre fronteira ele destaca "zona de contato" , Segundo a autora, o espaço de fronteira, configura-se como um espaço de interações, de intercâmbio que em grau intenso de relações estabelecidas dará origem a processos de hibridismos e mestiçagens. Desse modo, a troca cultural, consciente ou inconsciente, transforma este espaço em zona de transferência de cultura, de transculturação (ORTIZ, 1983).

Ao utilizar o termo "contato", procuro enfatizar as dimensões interativas e improvisadas dos encontros coloniais, tão facilmente ignorados ou suprimidas pelos relatos difundidos de conquista e dominação. Uma "perspectiva de contato" põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. Trata as relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e "visitados" não em termos de separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimento e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder. (PRATT, 1999, p. 32)

Os sentidos que emergem sobre a fronteira filiam-se à questão do território. O espaço ganha forma na medida em que se constroem sentidos de pertencimento e de dominação. Ou seja, o que é meu não é seu, portanto, o sentido de posse atravessa toda a relação que se estabelece com a ideia de fronteira. Ter domínio sobre o espaço dentro de uma conjuntura social-política e histórica indica o pertencimento a um território que requer, por parte dos

² Esse sistema foi formado pelo Tratado de Westfália. Esse acordo determinava a paz para a Guerra dos trinta anos. Essa Guerra tinha fundo religioso e passou a ter cunho político, selou a separação entre a igreja e o Estado, e passou a demandar a soberania como fundamento da existência do Estado.

sujeitos envolvidos, uma relação que se estabelece com aqueles que são significados como pertencidos, inscritos dentro de uma organização – ordem e memória – política estabelecida, com aqueles que não são pertencidos, isto é, os estrangeiros.

A imposição de outra cultura atravessou a relação do espaço e do sujeito colonizado, e constitui sua memória instalando novos sentidos de pertencimento. No caso da colonização portuguesa e espanhola, a relação de domínios do território esteve atravessada pelo contorno de uma fronteira que buscava "assegurar" o espaço colonizado. Daí a necessidade da criação de tratados, acordos, convênios que buscavam explicitar o limite no território e no espaço dos sentidos, ou seja, do pertencimento, da identidade.

Compreende-se, então, que a fronteira torna-se uma área de estratégia para o processo de integração regional. Com as múltiplas facetas da globalização ou mundialização a fronteira ganhou outras notoriedades, antes relacionada somente ao aspecto político e militar, atualmente engloba outros fatores (econômicos, sociais, culturais, educacionais, etc.). Cabe aqui descrever que no aspecto da mundialização, Netto (2004, p. 84) afirmava a seguinte análise e atualidade do Manifesto Comunista:

A mundialização das relações capitalistas, a mercantilização universal das relações sociais, o assalariamento generalizado, a insegurança social institucionalizada, a constituição de um mercado global, a gravitação urbana, o significado das comunicações velozes, o desenvolvimento científico e tecnológico - todo esse complexo aparece sintetizado na apreciação do mundo burguês, caracterizado pela "contínua subversão da produção, o ininterrupto abalo de todas as condições sociais, a permanente incerteza e a constante agitação" (cf.p.8). Não é preciso nenhum grau de simpatia para com o Manifesto para reconhecer aí o nosso mundo de inícios do século XXI.

É preciso, no entanto, estar atento para constatar se o imigrante não está com sentimento de superfluidade. Para Martins (1997, p. 151):

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original o moral dá lugar à alteridade política, quando o outro se torne parte antagônica de nós. Quando a História passa a ser nossa História, a história da nossa diversidade pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos e nos devorou.

Nesta perspectiva, o imigrante pode ter conflitos de identidade por não socializar suas manifestações culturais, a exemplo da língua, da religião, das tradições em geral.

Na fronteira Brasil-Bolívia, a "ausência" do poder central cria uma espécie de identidade fronteiriça. Em um mundo globalizado os questionamentos relativos à identidade

vêm à tona. As pessoas indagam qual sua legitima identidade, com o que mais se aproximam. Destacamos que nossas identidades são constituídas a partir e na cultura em que estamos incluídos.

No momento em que assumimos determinados valores, reproduzimos práticas específicas de determinado grupo, passando considerá-los como nosso grupo, vemo-nos como um de seus membros, aceitando-nos, mesmo que em parte de modo inconsciente, como pertencentes àquela cultura. Como as trocas são cada vez mais rápidas, novas propostas são deflagradas quase que respectivamente em nível mundial, temos que reconhecer que hoje nos constituímos de um mosaico identitário. Entretanto, certos elementos que constituem nossa identidade de forma predominante decorrem do espaço geográfico que vivemos, instituindo uma relação muito próxima entre espaço local, cultura e identidade.

Conforme aponta Silva et al. (2009), sobre a perspectiva dos estudos linguísticos nesta fronteira Brasil-Bolívia pode-se afirmar que a linguagem é própria e extremamente rica, pois está diretamente relacionada à diversidade de grupos étnicos que residem nesse mesmo espaço geográfico.

O homem fronteiriço sempre inventou e reinventou coesões lexicais que corresponderam às necessidades de comunicação, considerando que as migrações, tanto de contingentes oriundos dos estados da federação como de países vizinhos foram fundamentais para a formação cultural da região, um grande manancial linguístico, por exibir grande variedade e complexidade em sua formação.

Sabe-se que nessa fronteira Brasil-Bolívia os fatores que determinam o nível de interação entre as línguas distintas são diversificados. Muitas motivações ocorrem pelas relações comerciais, trabalhistas, educacionais e culturais existentes entre brasileiros e bolivianos, conforme aponta Silva et al. (2009).

Na complexidade do conceito de uniformidade, que contém em si muitos artifícios que definem, como a etnia, a história, espaço e costumes, a língua não é somente mais uma peculiaridade, mas principalmente, a coragem de identificação nacional, atentando que o grupo social desponta seu pensamento, sua visão do mundo e sua cultura por meio da sua língua.

É consensual dizer que língua e cultura são entes intrínsecos, que a língua é ao mesmo tempo uma imagem e um instrumento de cultura, que transmite de geração em geração. Ao registrar fatos linguísticos de uma língua estamos não só divulgando-a, mas também valorizando os costumes, as crenças e, enfim, a cultura expressa por essa língua.

Para Arruda (2002, p. 99), "[...] a fronteira passa a ser caracterizada pela diversidade cultural, como lugar simbólico, com dinâmicas próprias, resultado do movimento de pessoas trazendo conflitos e apropriações provocados por estas transculturações".

Diante dessa diversidade cultural e linguística é, que surgiu o desejo de pesquisar sobre as fricativas [ʃ] e [ʒ] que são recorrentes na fala cacerense como africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. Vamos tentar adentrar no inesperado de tantas incógnitas sobre os acontecimentos linguísticos na fronteira, onde os autores como Silva et al. (2009), Raffestin (1993), Ribeiro (2002), já salientaram que é o lugar onde tudo pode acontecer ou ser descoberto principalmente na linguagem e interação.



Figura 1 – Marco entre Brasil-Bolívia representando a divisão entre os dois países

Fonte: Acervo da autora (2017).

1.1 Breve Histórico da Fundação de Cáceres, Porto do Limão e San Matias

Para iniciarmos buscaremos fazer um breve histórico sobre Cáceres-MT, o distrito Porto do Limão e San Matias um município da Bolívia.

A cidade de Cáceres, também conhecida como "Princesinha do Paraguai", está localizada a sudoeste do estado de Mato Grosso, a 210 km da capital Cuiabá, tem uma população de 90.881 segundo o IBGE (1966). O município de Cáceres foi incorporado à jurisdição da Amazônia Legal (Lei Federal nº 5.173, de 27/10/66) e, em 1968, declarada Área de interesse da Segurança Nacional (Lei Federal nº 499, de 04/06/1968).

Foi fundada em 1778 por Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres e foi denominada como Vila Maria do Paraguay.

Alguns objetivos motivaram a fundação de Cáceres segundo Barros (2004), seria abrir uma porta de navegação com São Paulo, ter defesa e incremento da fronteira sudoeste, pois a fertilidade do solo irrigado era propícia para pastagens tendo como resultado a prosperidade agrícola. Foi pensado em facilitar a diálogo entre Vila Bela e Cuiabá para desenvolver relações comerciais entre os dois centros mais importantes da região.

Conforme natalino Ferreira Mendes (1992, p.93), os objetivos acima não foram bem sucedidos. O risco rondando a fronteira vai acabar, pois a capital mudará para Cuiabá e Vila Maria (Cáceres) será apenas ponto mediador entre dois meios importantes, terá que sobreviver com seus próprios recursos, mas isso não era problema, porque Cáceres sempre foi considerada abundante nos seus recursos naturais como, rios, matas e pantanais, tanto que até a metade do século XX a economia era concentrada no extrativismo (borracha, plantas medicinais, madeira, peles de animais) trazendo imensa renda para esse território mato-grossense. Importante dizer que toda essa importação era feita através do rio Paraguai único meio de comunicação existente até 1906, quando Candido Mariano da Silva Rondon assumiu a trabalho de construção das Linhas Telegráficas em Mato Grosso, num total de 17 estações. A fronteira do Paraguai ficou unida por dois pontos: Porto Murtinho e Bela Vista; a fronteira da Bolívia ficou ligada por três pontos: Corumbá, Coimbra e São Luiz de Cáceres.

Conforme o poema de Mendes (1992, p. 12), "mas um dia, chega o progresso. A força elétrica se instala" é nesse brotar dos sertões que essa Comissão de linha Telégrafas se depara com habitantes que residem nos lugares que até o momento era considerado vazio.

Todavia, a colonização em Mato Grosso só aconteceu na década de 1930, com a "Marcha para o Oeste" empreendida pelo governo Getúlio Vargas, essa marcha consistia em

estimular os migrantes a se instalarem em Mato Grosso, tendo como objetivo principal que os colonos investissem por três anos nas terras e só após esse período ele obteria as documentações da posse definitiva das terras, mas somente iria ter esse documento se conseguisse manter o cultivo das terras de forma correta sem infringir as leis. Segundo Mendes (1992, p. 12), "a população do Município salta da casa dos 24.160 habitantes em 1960, para 86.552 habitantes no final da mesma década".

Há outros fatores, historicamente mais recentes, como as políticas de povoação e colonização e a reforma agrária, entre outras práticas governamentais, que fomentaram a ocupação sólida de ambientes nacionais, por colonos.

Tais práticas reconfiguraram e continuam a reconfigurar fixamente a faixa de fronteira Brasil-Bolívia, que fatalmente fomentou as translações do campo para as cidades de pessoas das comunidades indígenas, forasteiros para o centro urbano. Este acontecimento veio trazer grandes transformações radicais que ocorreram não só na estrutura fundiária dos Estados, mas na formação espacial e igualitária das cidades.

Em Mato Grosso muitos migrantes se estabeleceram em Cáceres outros em núcleos de colonização, tendo como resultado o crescimento e desmembramento do município de Cáceres e convertendo em outros municípios independentes são eles: Lambari, Barra do Bugres, Mirassol D'Oeste, Araputanga, Rio Branco, Quatro Marcos, Jauru, Porto Esperidião, Salto do Céu. Diante da emancipação dos outros municípios, Cáceres reduziu a 45.063,47 km² para 24.965,94 km². Todo esse acontecimento de emancipação na cidade de Cáceres afetou o setor econômico exemplo a agropecuária que era o potencial da cidade.

Na figura abaixo podemos observar o trajeto do rio Paraguai e sua exuberância, destacamos assim a importância desse rio na história de Cáceres e para o progresso da região e do povo cacerense, pois é desse rio que perpassa diferentes regiões que abastecem uma parte da economia da cidade através do turismo que é uma fonte de renda consolidada, destacamos o evento Festival Internacional de Pesca (incluso no Guinnes - Livro dos recordes) que atrai turista ao município.



Figura 2 – Hidrografia do Paraná com localização do Rio Paraguai.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Paraguai. Acessado em: 11 mai. 2017.

Como podemos perceber Cáceres está interligado com a Bolívia/San Matias, tanto socialmente, linguisticamente como pelo rio Paraguai.

Localizado no sudoeste do Mato Grosso o município de Cáceres está a 80 km de San Matias. Essa cidade mato-grossense fica às margens do rio Paraguai e é polo de uma microrregião que engloba 22 municípios.

A localização estratégica na fronteira seca com a Bolívia faz de Cáceres o ponto de saída para o pacífico, via Mato Grosso. A rota comercial adentra o território boliviano por San Matias até chegar às cidades portuárias chilenas. Segundo o prefeito de Cáceres em entrevista ao jornal Cáceres notícias, Francis Maris Cruz, essa situação é suficiente para motivar que haja o estreitamento dos laços de amizade e relações comerciais entre os municípios dos dois países.

A relação de amizade entre Brasil e Bolívia se estende ao longo dos anos, desde 1867, quando o Tratado de Ayacucho⁵ foi assinado em 23 de Novembro daquele ano e conhecido por diversos nomes, principalmente Tratado da Amizade.

A fronteira Brasil-Bolívia fica a aproximadamente 90 km de Cáceres, tendo como município San Matias é centrado no departamento de Santa Cruz, perto da fronteira com o Brasil é capital da província de Ángel Sandoval e tem uma população de 5.370 habitantes (Censo 2001), é a cidade mais perto de Cáceres muito pobre, uma praça, uma igreja grande, algumas escolas, um posto militar, 2 empresas de ônibus p/ Santa Cruz. A autoridade local diz que 30% dos moradores foram embora à procura de uma vida melhor no Brasil. Muitos saíram por conta própria, fugindo da pobreza extrema. Outros foram agenciados por coiotes, que, além de cruzarem a fronteira ilegalmente com os imigrantes, servem de intermediários na contratação deles por empresas brasileiras, normalmente em subempregos.

Na proposição da criação dos Comitês de Integração Fronteiriça foram utilizadas as sedes dos municípios, cuja posição geográfica, propicia maior capacidade de ampliar as relações entre os dois países. As cidades relacionadas para a criação dos comitês foram Cáceres e San Matias, elencadas como instâncias para o exame das questões fronteiriças.

As atribuições dos comitês incluem, entre outras determinações o de examinar assuntos circunscritos à área fronteiriça, sugerir ações de caráter operativo sobre vários temas como, saúde, educação, cultura, esportes, migração, segurança pública, comércio, produção, turismo, transportes e infraestrutura, meio ambiente e redução de riscos e assistência em casos de desastres naturais (BRASIL, 2011).

Aos 15 dias do mês de junho de 2011, presentes os membros abaixo subscritos, instalou-se, na sala das Câmaras Setoriais Temáticas, a CÂMARA SETORIAL TEMÁTICA, designada pelo ATO nº 17/11, da Mesa Diretora, solicitada pelo Excelentíssimo Senhor, Deputado AIRTON PORTUGUÊS, com o objetivo de estudar, discutir, analisar e propor a reativação do Comitê de Fronteira entre o município de Cáceres – Mato Grosso e San Mathias – Bolívia, para promover ações de cooperação técnica, socioeconômica, segurança pública, educacional e de proteção à saúde materno-infantil entre Brasil e Bolívia, na faixa de fronteira do Estado de Mato Grosso e da Bolívia. (Cuiabá, 15 de junho de 2011).

O espaço que atende ao limite internacional entre o estado de Mato Grosso e Parte oriental boliviano foi formado e aprovado a partir de 1941, pela Comissão Demarcadora de limites brasileira – boliviana. O limite do Brasil com a Bolívia tem uma extensão de 3.423,2 km, e segundo trata Segunda Comissão Demarcadora de Limites. A fronteira internacional entre o Brasil e a Bolívia é composto de um limite de área seca, rios, lagos e canais.

Segundo Souza Higa (2008, p. 15), na área da fronteira do estado de Mato Grosso com parte do oriente boliviano, a maior parte da linha fronteiriça é composta por área seca. Sendo, "[...] quase 450 km, correspondem ao trecho central da linha divisória entre os dois países, são constituídos de linhas secas e 280 km, distribuídos nas duas extremidades da linha divisória, são delimitados por corpos d'água". Considerando que, a extensão da linha do limite seco entre o Brasil e a Bolívia totaliza 750,9 km parte significativa da constituição de limite seco corresponde a fronteira do estado de Mato Grosso.

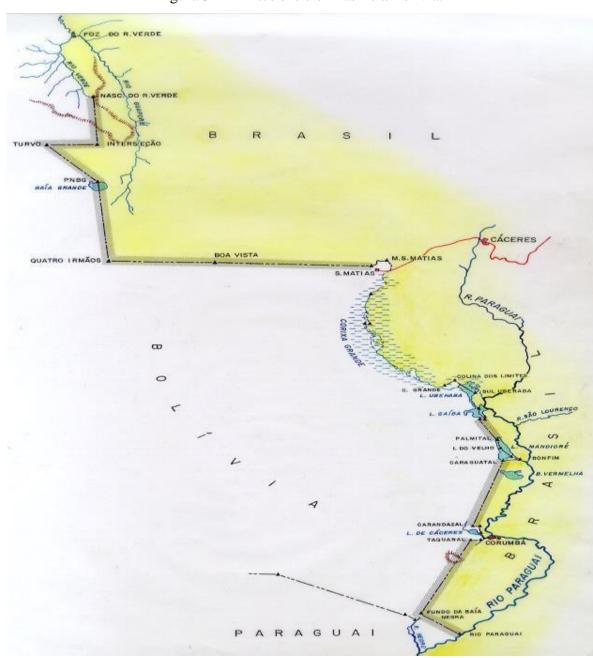


Figura 3 – Limites entre o Brasil e a Bolívia.

Fonte: http://info.lncc.br/bolivia3.jpg>. Acesso em: 06 de junho de 2017.

Embora estejam demarcados, esses países estão interligados pela proximidade territorial e extensão do limite seco. Essa imediação tem influência no setor econômico, cultural e linguístico.

Pensando nessa influência Linguística, que nos propomos estudar em quais ambientes acontecem o uso das fricativas $[\int]$ e [3], que se realizam como africadas $[t\int]$ e [d3] em Cáceres e Porto do Limão.

Segundo Alcântara (2001) essa comunidade está localizada entre as margens do rio Jauru e a BR 070 (Cáceres, San Matias, Bolívia) km 45, região do Corixa³ Brasil-Bolívia na área de abrangência do Pantanal Mato-grossense.

Vários estudos já foram realizados na cidade de Cáceres referente ao modo singular do falar cacerense. Esse falar se distingue, principalmente por uma entonação incomum, pela economia de conectivos e por traços de um arcaísmo raro, entre outras características (BISINOTO, 2007). Equipe organizada pelo Prof. Dr. Gilvan Muller de Oliveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, observou que esse modo de falar não é especifica do cacerense, mas também dos cuiabanos, semelhança que abrange o sudoeste do Estado de Mato Grosso, se estendendo até ao noroeste do Mato Grosso do Sul, ressaltando que a pesquisa foi realizada em 1996, sendo precursora da Língua falada em Mato Grosso.

Outros pesquisadores desenvolveram pesquisas sobre o Português incomum existente em Mato Grosso:

Os resultados apontam para uma variação sustentada por fatores de ordem social, uma vez que os estes foram os principais determinadores da alternância [ãw]~[õ]. Com relação à tendência que o processo de variação apresenta no momento sincrônico, os resultados nos indicam uma mudança em progresso. Sobre a origem da variante não padrão [õ], indícios nos levam a acreditar que se trata de uma variante arcaizante, provavelmente uma herança fonética proveniente dos colonizadores da comunidade – portugueses vindos do Norte de Portugal. (SILVA, 2005, p.35)

Variação Fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico, de Maria Luiza Canavarros Palma (1984), a autora pesquisou a variação Fonológica entre segmentos africados e fricativos no falar cuiabano.

Macedo-Karim, Jocineide (2012) - A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: Aspectos Linguísticos e Culturais. A autora pesquisou em sua tese de doutorado:

³ Corixa e Corixinha são assentamentos rurais localizados próximos à divisa do Brasil com a Bolívia no município de Cáceres-MT.

(...) usos linguísticos que apontam traços aparentemente particulares das regiões mais antigas do Estado de Mato Grosso, não exclusivos do falar local, que chamam a atenção do falante de outras regiões brasileiras, como por exemplo: o uso do masculino em vez do feminino na concordância nominal; realizações africadas [t] e $[d_3]$ em vez das fricativas [] e [3]; alternância do ditongo []ãW] e []õ], bem como peculiaridades lexicais do falar local, como as formas tchô e tchá para senhor e senhora. (...) Os resultados obtidos nesta pesquisa mostram como a relação dos fatores socioeconômicos e culturais criam condições para conservação de traços do português popular, usos peculiares e marcas antigas da língua portuguesa trazida pelos colonizadores para região(...). (KARIM, 2012, p.28)

Citamos alguns trabalhos que foram pesquisados pelo viés Sociolinguístico nas regiões mato-grossenses que trouxeram contribuições para o desenvolvimento da linguagem.

Porém percebemos a escassez de trabalhos que fizessem uma análise fonética e fonológica sobre as realizações das fricativas [ʃ] [ʒ] que são pronunciadas como africadas [ʧ] [dʒ] na variedade cacerense. Ciente do poder simbólico das variações, o usuário tende a utilizála como meio de projeção social, enfim, a língua portuguesa torna-se hoje, fator de inserção no mundo atual, estimulando o sujeito a ser ativo perante a cultura e história de nossa nação.

CAPÍTULO II

ASPECTOS DAS FRICATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

A "fonética" surgiu antes da "fonologia". Desde a antiguidade clássica, há registros de pesquisas fonéticas, mas eles atingem seu ápice e conquistam o *status* de ciência apenas no final do século XIX com o descobrimento dos trabalhos dos foneticistas indianos, com os estudos comparatistas e com os progressos feitos no campo instrumental. Até então a fonética se confundia com o estudo da pronúncia correta das letras e das palavras e era, portanto, uma disciplina normativa.

Segundo Callou e Leite (1990, p. 47), é nesse século que a fonética, desvencilhada da escrita, caracteriza-se como "[...] a ciência dos sons e sua classificação". Para tanto, a criação do Alfabeto Fonético Internacional (AFI), em 1888, colabora sobremaneira, representando "[...] o coroamento de um esforço de se diferenciar letra de som e de representar por símbolos distintos sons diferentes".

Chamaremos a atenção para o fato de que, entre nós mesmos, brasileiros, falamos de maneira distinta e que mesmo assim nós compreendemos. A Fonética: a partir da articulação (Fonética Articulatória); a partir da física acústica (Fonética Acústica) e a partir da percepção (Fonética Perceptiva). Lembramos, no entanto, que o foco será na Fonética Articulatória. Que não é uma descrição ortográfica, mas feita através de símbolos convencionados pela literatura fonética. Na discussão sobre Fonética e Fonologia, iremos nos dando conta de que a escrita está sempre influenciando nossos pensamentos sobre como falamos. E é por isso que, devemos tentar desvincular a letra do som. Pode parecer muito óbvio para os que nunca refletiram sobre a língua que falam que as letras são os correlatos dos sons. Mas sabemos que isso não é bem verdade. Letras correspondem a sons, mas essa correspondência é bastante complexa. Se fosse uma correspondência como a que temos com o alfabeto fonético, ou seja, de um símbolo correspondendo a um único som. Mesmo com tanta variação entre produção e escrita não nos confundimos na hora de falar e nem temos problemas de compreensão.

Vamos fazer uma reflexão lançando mão de uma discussão sobre Fonética e Fonologia que se tornou muito profícua entre os pesquisadores da área, apresentada por Clark e Yallop (1995).

Segundo essa reflexão, qualquer comunicação realizada através de línguas orais com sucesso, seja ela um simples cumprimento ou um elaborado discurso político, pressupõe alguns requisitos básicos com relação aos interlocutores: um funcionamento físico adequado do cérebro, dos pulmões, da laringe, do ouvido, dentre outros órgãos, responsáveis pela produção

e audição (percepção) dos sons da fala. Além desses, deve haver o reconhecimento da pronúncia de cada um dos interlocutores, pois, mesmo que eles tivessem os órgãos da fala e da audição em perfeito estado, essa comunicação poderia não ter sucesso se um deles não compreendesse a língua falada pelo outro.

Outro ponto importante a se considerar é adequada interpretação das ondas sonoras (sons) emitidas pelo falante e captadas pelo ouvinte. Dessa maneira, observamos logo de início que a fala pode ser descrita sob diferentes aspectos, uns estão mais próximos do que vai se convencionar chamar de Fonética, outros mais próximos do que vai se convencionar chamar de Fonologia.

Podemos estudar a fala a partir da sua fisiologia, isto é, a partir dos órgãos que a produzem, tais como a língua, responsável pela articulação da maior parte dos sons da fala, e a laringe, responsável principalmente pela produção de "voz", que leva à distinção entre sons vozeados (sonoros) e não vozeados (surdos), também estudar a fala a partir dos sons gerados pelos órgãos, chamados de fonadores, com base nas propriedades sonoras (acústicas) transmitidas por esses sons, ainda examinar a fala sob a ótica do ouvinte, ou seja, da análise e processamento da onda sonora quando acontece a percepção dos sons, dando sentido àquilo que foi ouvido.

Todos esses aspectos são considerados pela Fonética. A Fonética então é a área que estuda a produção de fala propriamente dita, e isso significa dizer que ela levará em consideração a variação linguística, a fisiologia dos indivíduos e as idiossincrasias relativas às características individuais dos falantes.

Dizemos que a Fonética Articulatória estuda o som do ponto de vista mais estritamente fisiológico. Estudos fonéticos estão atrelados a questões como:

- características fisiológicas da produção dos sons de fala;
- características acústicas dos sons de fala;
- características perceptuais dos sons de fala.

A Fonética Articulatória se encarrega de descrever a realização dos sons, levando em consideração os parâmetros fisiológicos dos nossos articuladores.

Essa capacidade que temos de discriminar falares como sendo de uma região e não, de outra, ou de identificar um som como sendo da nossa língua materna ou não, é objeto de pesquisa da Fonética Auditiva ou Perceptiva. Essa linha da Fonética tenta entender como os sons são tratados no aparelho auditivo e como são decodificados pelo nosso cérebro (ou pela nossa mente). Quando, por exemplo, os foneticistas (aqueles que pesquisam sobre Fonética)

querem estudar mais a fundo as características dos sons da fala, eles gravam os informantes, e as gravações são analisadas fisicamente, ou seja, são analisadas as propriedades do sinal sonoro com o arcabouço teórico da Física. Nesse caso, a produção sonora será investigada com o auxílio de equipamentos tecnológicos e vai ser avaliada a partir de parâmetros acústicos; estamos assim adentrando a Fonética Acústica.

É consenso que a fala tem como principal objetivo o aporte de significado, mas, para isso, deve se constituir em uma atividade sistematicamente organizada. O estudo dessa organização, que é dependente de cada língua, é considerado Fonologia. Assim, a Fonologia pode ser vista como a organização da fala focalizando línguas específicas. Logo, poderíamos dizer que uma descrição de como segmentos vocálicos (vogais) podem ser produzidos e percebidos seria fornecida pela Fonética, já uma descrição das vogais do português brasileiro a partir de seus traços opositivos seria proporcionada pela Fonologia. Inicialmente é preciso colocar que, quando falamos de vogais e consoantes, referimo-nos a sons e não a letras.

A divisão tradicional entre vogais e consoantes em nível de articulação deve ser entendida a partir da liberação do fluxo de ar dos pulmões. Nas vogais, não há nenhum impedimento a essa passagem de ar, ou seja, os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando livremente ou praticamente sem obstáculos (obstruções ou constrições) no trato vocal. Já as consoantes são articuladas a partir de alguma obstrução no trato oral, seja ela parcial ou total. Outra diferença entre esses dois tipos de sons é que as vogais são vozeadas, isto é, são produzidas com a vibração das pregas vocais, enquanto as consoantes podem ou não ser produzidas com vibração das pregas vocais.

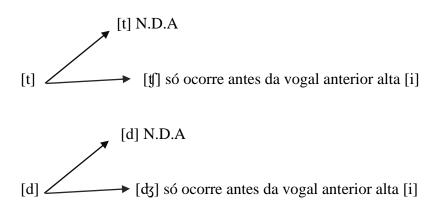
Assim podem ser vozeados ou não vozeados. Em termos de classificação fonética, as vogais são analisadas por meio dos seguintes parâmetros: altura, avanço/recuo da língua e arredondamento dos lábios. Já, para as consoantes, utilizam-se as características de ponto articulatório (lugar de articulação), modo articulatório e sonoridade.

2.1 Casos de Oposição e Distribuição Complementar

Para depreender os fonemas de uma língua em meio ao conjunto de fones inventariados, Cagliari (2002, p. 24) recorre aos princípios de "oposição" e "variação". Os fonemas são unidades sonoras que "[...] estabelecem uma relação de oposição entre si" ou que "[...] têm um valor distintivo no sistema da língua". Para saber se sons diferentes estão em oposição, o linguista lança mão do teste de comutação. Se a mudança de som for acompanhada de mudança de significado, podemos dizer que estamos diante de fonemas distintos. Por

exemplo, trocando a consoante /v/ na palavra /vala/ por /t m p b f k g s/ teremos as palavras /tala mala pala bala fala kala gala sala/. Podemos dizer que essas consoantes constituem fonemas do português, pois, quando trocadas entre si na mesma posição da palavra, produzem mudança de significado.

Quando a troca de um som pelo outro na mesma posição não altera o significado da palavra, o teste de comutação revela não fonemas distintos, mas variantes de um mesmo fonema. Por exemplo, trocando a consoante [t] por [t] em /tia/, teremos [tʃia] que não apresenta significado diferente de [tia], isto é, dois sons estão em distribuição complementar, não há nenhuma igualdade entre o ambiente de um e o ambiente do outro, pois só incide antes da vogal anterior alta [i] e [t] jamais ocorre antes da vogal anterior alta (tratando-se, de um dialeto). Destacando essa regra ocorre em certas variedades do Português.



Portanto no português padrão, temos apenas um fonema com duas variantes fonológicas denominadas alofones. Um fonema é, pois, uma entidade abstrata em relação às realizações físicas dos sons. Ele se realiza por meio de um fone ou, se comportar variantes, por meio de alofones. Assim, os fones são as realizações físicas dos fonemas e os alofones são as suas variantes. Em qualquer língua, o número de fones/alofones é sempre maior do que o número de fonemas. No português, temos 19 (dezenove) consoantes e 07 (sete) vogais, totalizando 26 (vinte e seis) fonemas.

Segundo Cagliari (2002, p. 99), "quer as vogais, quer as consoantes, podem ser articuladas de maneira variável em sua duração. A duração dos sons de uma língua só pode ser avaliada quando comparamos uns com os outros".

Quadro 1 – Fonemas consonantais do Português.

Modo de Ar	de Articulação Oclusiva			Fricativa		Lateral	Vibrante		
Oralidade		Oral		Nasal	Oral		Oral	Oral	
Vozeamento		Surdo Sonoro	Sonoro	Surdo	Conoro	Conoro	Sonora		
vozeani	vozeamento		Sonoro	Solloro	Suruo	Sonoro	Sonoro	simples	múltipla
	Bilabial	p	b	m					
	Lábio-				f	**			
	Dental				1	V			
Ponto de	Linguo-	t	d	n	e				
Articulação	Dental	ι	u	n	S				
	Alveolar					Z	I	r	r
	Palatal			ŋ	ſ	3	λ		
	Velar	k	g						

Fonte: Adaptado de (COX; ASSAD, 1999, p. 83).

Quadro 2 – Fonemas vocálicos do Português.

Posição horizontal da língua	Anterior	Central	Posterior
Posição dos lábios	- arredondada	-arredondada	+arredonda
Alta/fechada	i		u
Média-alta/fechada	e		0
Média-baixa/aberta	3		С
Baixa/aberta		a	

Fonte: Adaptado de (COX; ASSAD, 1999, p. 83).

O número dos fones/alofones que efetuam tais fonemas é maior, já que a língua está sujeita a variações de toda ordem.

2.2 A Distribuição Complementar das Africadas em Português Brasileiro (PB)

Falamos que dois seguimentos estão em distribuição complementar, quando um não pode ocupar o lugar do outro. A distribuição complementar estabelece que, se dois fones ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, podem ser considerados alofones de um mesmo fonema. Esta noção fundamenta-se no princípio de Pike (1947), no qual os sons tendem a ser afetados por contextos linguísticos específicos. Estes contextos podem ser os sons vizinhos, a posição de ocorrência em unidades maiores (sílaba, palavra, etc.), os elementos suprassegmentais, ou as informações lexicais e gramaticais.

O primeiro passo na busca em classificar fones como alofones de um mesmo fonema é que estes devem ter similaridade fonética. Pois, por partilharem alguma propriedade fonética os sons são considerados pares suspeitos. Por outro lado, dois fones com pontos de articulação distantes, dificilmente seriam alofones de um mesmo fonema. Dois fones são tipicamente

alofones de um mesmo fonema se tiverem semelhanças articulatórias (MORI, 2004). Contudo, a semelhança articulatória não submerge categoricamente em alofonia.

No português padrão brasileiro, [ʧ] e [ʤ] ocorrem em ambientes exclusivos e por isto são classificados como alofones de um mesmo fonema. O som [ʧ] [ʤ] ocorre antes de /i/ e o som /t/ e /d/ ocorre nos demais ambientes. Dizemos que os fonemas /t/ e [d] apresenta os alofones [ʧ] e [ʤ].

Fonologicamente, no português brasileiro, mais especificamente nos dialetos nos quais ocorre a palatalização das oclusivas, as africadas significam alofones dos fonemas /t/ e /d/. As africadas encontram-se em distribuição complementar (SILVA, 2001, p. 132): /t//d/, ocorrem, respectivamente, como [ʧ] [ʤ] diante de /i/ e variantes [I], [ĩ]) /t/ /d/ ocorrem, respectivamente, como [t], [d] nos demais ambientes.

Portanto as diferentes realizações fonéticas de um mesmo fonema são conhecidas como alofones ou variantes fonéticas. Esses alofones ocorrem condicionados por determinados contextos fonológicos. "[...] O critério para agrupar os alofones como variantes de um fonema chama-se distribuição complementar. A distribuição complementar estabelece que, se dois fones ocorrem em ambientes mutuamente exclusivos, eles podem ser considerados eventualmente como alofones de um mesmo fonema" (MORI, 2004, p.22).

Pelo critério da distribuição complementar identificamos as variantes alofônicas de um mesmo fonema. Contudo, [...] o falante pode usar dois ou mais alofones no mesmo contexto sem destruir a identidade dos itens lexicais em questão.

Quando isso ocorre, fala-se que os fones são variantes livres de um mesmo fonema. [...] Para os sociolinguistas, as 'variantes livres' estão, na realidade, controladas por variáveis sociolinguísticas. Há fatores sociais, linguísticos e estilísticos que determinam sistematicamente quais das variantes serão usadas com maior frequência. (MORI, 2004, p. 157-158).

CAPÍTULO III

OCORRÊNCIAS DAS AFRICADAS [ʧ] [ʤ] NA CIDADE DE CÁCERES E DISRITO PORTO DO LIMÃO

Considerando o tempo de existência da cidade de Cáceres e o seu respectivo isolamento fez com que na cidade desenvolvesse uma fala relativamente distinta de outras partes do país, adquiriu particularidades na fala, supostamente influenciada pelo espanhol. Muitas pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas sobre a substituição e terminações nasalizadas, e as variantes fonológicas africadas [tʃ] e [dʒ], pesquisadores como Karim (2004), Câmara Júnior (1985), Hauy (1989), Huber (1986), , Palma (1980/2005), , Bisinoto (2007), Silva (1991), Teyssier (1984/2004), contribuíram com pesquisas sobre a variação linguística.

Contudo esses acontecimentos linguísticos ainda requerem pesquisas minuciosas: sendo histórica e em seus aspectos Fonético-Fonológicos que respondam as indagações quanto à caracterização dos processos de mudança da língua e suas possíveis causas, bem como as motivações que resultaram na preservação de traços visivelmente antigos, na região de Cáceres e Porto do Limão divisa do Brasil-Bolívia.

Algumas dessas pesquisas serão narradas brevemente para situar o objeto da nossa pesquisa. Silva (1991, p. 74) certifica que é durante o período arcaico que começa a se processar a ditongação das vogais nasais /õ/ e /ã/, em posição final de nomes e verbos. Para a autora, essa ditongação converge na direção do ditongo [ãw], que já no século XVI é típica do dialeto padrão português e possivelmente de dialetos do sardo⁴. Portanto, conforme o estudo comparado das línguas românicas, não há regras fonéticas estabelecidas para explicar a ditongação de [õ], [ã] em [ãw], tendo ocorrido esse processo na evolução natural da língua. Refletindo sobre as questões de gênero que é recorrente em Cáceres tanto no uso do pronome e/ou no artigo seguinte ao nome: Ex.: "Vo num casa desses" ou "hoje tá fria". Silva (1993, p. 18) descreve que:

...tanto no latim como no português o gênero não é motivado externamente; apenas um léxico está relacionado ao sexo dos entes que nomeia. Sendo assim, e a isso acrescido o fato de os neutros do latim terem se distribuído pelo masculino e feminino, e compreensível a oscilação entre os nomes de gênero único [ou masculino, ou feminino] em um momento em que ainda não se tinham iniciado as tentativas de se normativizar a língua, o que só começará na quarta década do século XVI.

4

⁴ O sardo, ou *sa limba*, é uma língua românica falada na Sardenha, a segunda maior ilha do Mediterrâneo depois da Sicília. Não obstante, por características físicas a Sardenha pode ser considerada a única verdadeira ilha do Mediterrâneo ocidental, sobretudo pelas distâncias que a separam do continente, dado que a costa mais próxima é a norte-africana. Tais elementos explicam, em parte, a diversidade histórica da ilha (JONES, 2003).

Em se tratando das variantes fonológicas africadas [t∫] e [dʒ], elas ocorrem em diferentes municípios de Mato Grosso, com menor ou maior intensidade, porém nosso foco inicia em Cáceres e vai até o distrito do Porto do Limão.

Palma (1980, p. 28) aborda que esse fenômeno linguístico é característico, e realizado com maior frequência, em Cuiabá, Poconé, Nossa Senhora do Livramento, Santo Antônio do Leverger, Acorizal, Rosário Oeste, Barra do Bugres e Diamantino; e em grau mínimo de frequência em Rondonópolis, Guiratinga, Barra do Garças e Alto Garças. Embora a autora não mencione Cáceres, essas variantes são recorrentes no município e se estende até o distrito do Porto do Limão divisa Brasil-Bolívia.

Segundo Teyssier (1984, p. 29), o uso dessas variantes linguísticas remonta à segunda metade do século XIII, ou seja, à 1ª fase do português arcaico, quando são estabelecidas certas normas ortográficas, fato passível de ser comprovado no testamento de Afonso II (1214), época em que já se utiliza a grafia ch para a africada [tš]. Exemplo: Sancho [sãtšu], chus [tšuz], consoante diferente da fricativa [š], à qual se aplica a grafia x. O fonema [tš] de origem francesa, já era usado em Castela com o mesmo valor. Exemplos: chaga [tšaga], ancho [ãtšo]. Ainda, conforme, Teyssier (2004, p. 33, 64-5), o galego português possuía uma africada palatal [tš] escrita ch; ex.: chamar, chaga, chave, macho, que se distinguia da constritiva simples [š], escrita x; ex.: deixar. Porém, a partir do século XVII, o fonema [tš], perde o seu elemento inicial e se confunde, assim, com [š]. O ch de chamar pronuncia-se como o x de deixar. Trata-se, conforme Teyssier (2004, p. 64) de um fenômeno vindo do Sul e que se torna a norma da língua comum. Mas, como nos casos precedentes:

A antiga pronúncia sobrevive em grande parte das províncias do Norte. A linha que separa hoje a região onde [t] se confundiu com [s] da região em que eles permanecem distintos começa ao sul de Viana do Castelo, segue paralela ao litoral, deixando a oeste a cidade do Porto, reaproxima-se do litoral, deixando a oeste a cidade do Porto, reaproximasse do litoral ao norte de Aveiro, atravessa depois todo o país, seguindo uma linha sinuosa que encontra a fronteira espanhola ao norte do distrito de Portalegre. Pequenas ilhas de [ts] subsistem no interior da zona do [s], o que ocorre, por exemplo, perto de Figueira da Foz (foz do Mondego). (Teyssier, 2004, p. 68.)

Para Teyssier (2004, p. 65-6) é possível seguir passo a passo a progressão desse fenômeno linguísticos, graças às grafias de textos e aos comentários de gramáticos e ortógrafos. Como exemplos, cita as obras: a) Orthographia (1576) de Duarte Nunes de Leão em que este compara o ch, descrito como uma africada, com a consoante italiana escrita c nos grupos ci e ce; b) os manuscritos e impressos do século XVII, nos quais começam a aparecer confusões entre ch e x: xão por chão, roxa por rocha; c) Orthographia (1671) de João Franco Barreto em

que condena a pronúncia e a escrita xave, xapeo, etc. por chave, chapeo; d) Orthographia (1734) de João de Morais Madureira.

Feijó, em que afirma ser a pronúncia de chave, chaminé, etc. como chave, xaminé própria de pessoas naturais de Lisboa; e) Orthographia (1736), na qual D. Luís Caetano de Lima sai em defesa da norma antiga. Para ele, as palavras portuguesas chave, chapeo etc., possuem a mesma consoante que cena, certo, dicevo, ricebo em italiano, e esta consoante deve ser distinguida da que se escreve x em xadrez, enxerto, frouxo, roxo etc. Dez anos mais tarde, Luís Antônio Verney (Verdadeiro Método de Estudar, 1746) esclarece que não só na região da Estremadura como também em outras províncias, o ch é articulado como x. Contudo, apesar de a inovação vinda do Sul tornar-se a norma da língua padrão, a ortografia prossegue fazendo a distinção entre ch e x. Hauy (1989, p. 38-9) argumenta que: no galego-português, proferia ch como oclusivo, quase como tch e x como ch. Tal era a distinção que se fazia nessa 1ª fase do português arcaico, que raramente se registravam confusões gráficas na transcrição desses fonemas, como ocorre no português atual. Silva Neto (1979, p. 590; 1986, p. 110) diz que, a respeito da africada [tš] podem aventar-se duas explicações:

- nos séculos XVI e XVII usava-se tš em todo território de Portugal. Neste caso os colonizadores usavam a africada que, depois de existir no português brasileiro nele se perdeu, à exceção de uma zona do Sul;
- 2. nos séculos XVI e XVII Portugal dividia-se, como hoje, em duas áreas: uma, ao Norte, em que se usava tš; outra em que a africada já se reduzira a š. Neste caso, ambas as pronúncias teriam vindo para o Brasil, onde se generalizaria a segunda, que corresponde à pronúncia do Sul, enquanto a primeira se teria confinado a uma zona do Brasil.

É a hipótese mais provável. Em relação à africada palatal sonora dz: já, gelo, assim como a africada palatal surda tš: chave cocho, Silva Neto (1979, p. 628) comenta que:

Não é inconcussa a interpretação que as considera pura e simplesmente manutenções das antigas africadas do Português, mas que se podem interpretar como pronúncia de aloglotas (guaranis e caingangues) ou, pelo menos, que se pode explicar a conservação delas exclusivamente naquela área, por aí coincidirem com o sistema fonético dos aloglotas.

Silva Neto (1979, p. 628), ao se referir à africada palatal sonora [dʒ], diz haver indícios de que esta, embora tenha existido no português antigo, tenha desaparecido no século XV. Câmara Júnior (1985, p. 55) afirma que:

Há quadros fonológicos muitas vezes divergentes do português padrão. Basta citar, em Portugal, a africada ch em Trás-os-Montes (...). Também a africada /tš/, em dialetos brasileiros, estendendo-se até a toda área do /š/, que fica eliminado; ou, ao contrário, /š/ substituindo-se a /s/, tanto em dialetos de Portugal (norte) como do Brasil (zona de Goiás e Mato Grosso). Cunha e Cintra (1985, p. 11) mencionam apenas a variante [tʃ].

A pronúncia como africada palatal [tʃ] do ch da grafia (emitido como fricativa [ʃ] na pronúncia padrão e em quase todos os dialetos centro meridionais) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: tchave, atchar por chave, achar. Ilari (1992, p. 250), referindo-se à variedade de sujeitos não escolarizados do português do Brasil (PB) falado, comenta que a conservação das africadas [tʃ] e [dz], comuns igualmente ao Norte de Portugal, ocorrem em Mato Grosso como variantes de /ʃ/ e /ʒ/, e na Bahia e Sergipe como variantes de /t/ precedido de ditongo como em oito ['otʃu] e muito ['mūtʃu]. Estes fatos linguísticos incomuns, característicos da fala do nativo do Alto Pantanal⁵, levam a pesquisadora Bisinoto (2007, p. 22) a questionar sobre a presença, até hoje, da permuta de terminações nasalizadas e sugerir pesquisas, uma vez que já no Portugal do século XVI a variante [õu] era estigmatizada.

Na visão da sociolinguística europeia, segundo SchliebenLange (1993), não existe neutralidade na variação linguística e as mudanças da língua ocorrem numa articulação dinâmica entre o linguístico, o histórico e o social, tudo isso permeado por forças coercitivas advindas da ordem política. Ou seja, ao estudar a oralidade da língua francesa, essa autora toma em consideração não apenas o estilo e a diversidade fonética, mas, principalmente, os componentes históricos e políticos que determinam a realização de diferentes falas e a prevalência de arcaísmos em determinadas regiões. Portanto, um estudo que abarque tais questões, ou seja, que vá além da descrição sistemática da língua, possibilita uma visão mais ampla e completa dos processos de mudança e de preservação linguísticos.

3.1 A Realização das Africadas [tf] [tʒ] em Cáceres e no Distrito Porto do Limão

Em Cáceres e no distrito Porto do Limão são pronunciadas as africadas [ʧ] e [ʤ], no ambiente das fricativas [ʃ] e [ʒ]. Essa pronúncia é verificada em palavras como chuva ['ʧuva], chave ['ʧave], já ['ʤa] e jeito ['ʤejt℧] (SOUZA, 1999, p. 155). De acordo com Souza (1999),

⁵ A **microrregião do Alto Pantanal** é uma das microrregiões do estado brasileiro de Mato Grosso pertencente à mesorregião Centro-Sul Mato-Grossense. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 132.883 habitantes e está dividida em quatro municípios (Barão de Melgaço, Cáceres, Curvelândia, Poconé). Possui uma área total de 53.590.469 km².

a origem do uso das africadas [f] e [dʒ] no lugar de [ʃ] e [ʒ] em Mato Grosso é evidente. Tais sons podem ocorrer devido:

- a) à conservação de uma pronúncia arcaica dos colonos portugueses;
- b) à influência das línguas indígenas;
- c) ao contato com as línguas africanas;
- d) à influência do espanhol dos castelhanos da fronteira.

A respeito da distribuição Sociolinguística das variantes africadas e fricativas na Baixada Cuiabana, Almeida (2000) afirma que o uso das africadas [t] e [t], no lugar das fricativas [f] e [t], respectivamente, ocorre mais frequentemente na fala dos informantes com menor grau de escolaridade, independente da faixa etária.

O autor aponta, ainda, que a frequência de uso das variantes [tʃ] e [tʒ] no lugar de [ʃ] e [ʒ] varia de acordo com o falante, sendo que:

- a) há falantes que usam as variantes africadas independente do contexto linguístico e extralinguístico;
- b) há falantes que rejeitam as africadas principalmente em situações mais formais;
- c) há aqueles que não usam as variantes africadas no cotidiano, mas as usam em ocasiões específicas como em encontros entre amigos ou em situações que envolvam algo típico da cultura.

De acordo com Mota e Rollemberg (1997), a palatalização das oclusivas seguindo semivogal alta anterior é comum na área rural do dialeto baiano, contudo, é pouco documentada na área urbana, na fala de informantes com nível universitário. As variantes [ʧ] e [ʤ], nesse contexto fonético específico, são associadas a falantes não alfabetizados ou com pouca escolaridade.

Dentro da perspectiva Sociolinguística Variacionista que tem como objetivo sistematizar as variações linguísticas existentes, e por entender que a língua é heterogênea, destacamos que a variação pode ocorrer no uso da língua de diferentes maneiras.

Reconhecendo que a língua é uma forma de interação, comunicação e expressão, conforme propõe Mollica (2008, p. 9): "estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais".

Na cidade de Cáceres e no distrito do Porto do Limão encontramos estes fenômenos linguísticos problema esses acontecimentos linguísticos acontecem independente de classe social, além de encontramos palavras que não coincidem com a regra PB /t/ e /d/ realizam-se

como [ʧ] consoante africada palatal surda e [ʤ] consoante africada palatal diante da vogal anterior alta /i/. Especificamente na cidade de Cáceres-MT se estendendo até o distrito Porto do Limão deparamos com palavras que contraria a regra acima exemplos: pentear [peʿʧiar], ontem [oʿʧi], arte [arˈʧi], jato [ˈʤatu], chato [ˈʧatu], acha [aˈʧa], haja [aˈʤa].

Observa-se, portanto, que a palatalização da oclusiva alveolar pode não ocorrer diante de vogal anterior alta conforme descrito. Por outro lado, constata-se a ocorrência da africada em contextos não esperados, ou seja, diante de outras vogais diferentes da vogal anterior alta /i/, como exemplificamos acima. Esses acontecimentos indicam que a palatalização das oclusivas alveolares impõe desafios ao modelo fonológico tradicional.

3.1.1 Casos de oposição

Um dos objetivos da fonologia é descrever o sistema sonoro de uma língua, ou seja, o conjunto de elementos abstratos relacionados entre si que o falante utiliza para descriminar e delimitar as unidades significativas de sua língua (MORI, 2001). Esta descrição do sistema de uma língua pode ser feita através da identificação dos fonemas desta língua e através de testes com critérios de oposição, distribuição complementar, semelhança fonética, variação livre e pressão estrutural. A fonêmica propõe-se a analisar a cadeia sonora das línguas a partir de pressupostos teóricos de tendência estruturalista. Um dos objetivos da fonêmica é converter a linguagem oral para a linguagem escrita, base do livro de Kenneth Lee Pike, "Phonemics: a technique to reduce languages to writing" publicado em 1947.

Quando analisamos os sons de uma língua, busca-nos definir quais sons estão em oposição e quais estão em distribuição complementar, como já mencionado acima. Nos casos de oposição dois sons estão em oposição quando estão em ambientes comuns, isto é, tem certos ambientes em que os dois sons ocorre, ou seja, de dois itens lexicais idênticos, que se diferenciem apenas num elemento da sequência dito de outra maneira, quando duas palavras são idênticas em todos os seus aspectos, exceto num segmento, são referidas como pares mínimos. A partir do teste do par mínimo pode-se concluir se os sons ou fones em estudo tratam-se de fonemas ou não. Dois sons são considerados fonemas distintos quando no teste do par mínimo demonstramos a oposição entre estes sons.

A partir da descrição fonética apresentamos uma análise fonológica de cunho estruturalista (PIKE, 1947) com objetivo de determinar os sons distintivos da Língua Portuguesa, tais como a identificação de pares mínimos. Segue abaixo os pares mínimos encontrados:

Quadro 3 – Par mínimo com as africadas surda e sonora [t] [tz].

Representação fonética da	Representação Fonética	Representação Fonológica	Escrita/
comunidade Porto do Limão	do Português Padrão	Português Padrão	grafia
['ʧ a]	/ʃa/	/ʃa/	Chá
['dʒ a]	/3a/	/ 3 a/	Já
[a'tʃ a]	/a´ʃa/	/a´ʃa/	Acha
[a'ʤ a]	/a ʻ ʒa]	/a'3a]	Haja
[K e'dʒ u]	[kei'Zu]	[kej3u]	Queijo
[k e'tʃ o]	[kei´ʃu]	[kei´ʃu]	Queixo
['dʒa ru]	[´ʒaro]	[´ʒaro]	Jarro
['ʧa tu]	[ʃato]	[ʃato]	Chato
['ʤa tu]	['3a t o]	[' ʒ a t o]	Jato
['ʧa tu]	[´ʃato]	[´ʃato]	Chato

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Agrupamos itens lexicais [chá] ['tʃa], [já] ['dʒa], [acha] [a'tʃa] [haja] [a'dʒa], [queijo] [Ke'dzo], [queixo] [k e'ff o], [jarro], ['dzaru], [chato], ['ffa tu] [jato] ['dza tu] [chato] ['ffa tu], verificamos que eles distinguem apenas pelo [ʃ] [ʒ], e logo podemos afirmar que /ʃ/ e /ʒ/ são dois fonemas distintos, estão em oposição, assim dois seguimentos são fonemas da língua.

Portanto estão indicando que dois fones constituem dois fonemas distintos na língua conforme quadro 3. Em relação as trocas que ocorreram em [ʃ] e [ʒ] por [t] e [dʒ] na variedade Cacerense, seguindo até o distrito Porto do Limão na fronteira Brasil-Bolívia acontece forma marcada, ressaltamos que essa oposição ocorre entre as africadas surda e sonora [t] e [t].

Podemos refletir sobre essa substituição pela escolha mais complexa na pronuncia do falante relacionando com o conceito de termo linguístico de marcação, assim como proposto por Trubetzkoy (1939), se limitava às relações entre elementos dentro de uma mesma língua. Esse mesmo termo tomou, nos estudos linguísticos, um significado mais amplo, assim, um segmento não marcado tem sido tomado como sinônimo daquele mais simples, mais comum, mais fácil de produzir, adquirido mais cedo, mas o cacerense optou pela pronúncia mais complexa [tf] [dʒ].

Essa marcação de termo se constituiu num conceito muito importante para a teoria fonológica e a teoria linguística de uma forma geral, e com o advento da gramática gerativa Chomsky e Halle (1968) esse mesmo termo foi reconceitualizado como uma propriedade das línguas determinada pela Gramática Universal, um universal linguístico, e não mais como uma propriedade particular de línguas específicas. Hume (2008) apresenta uma relação de diagnósticos usados na literatura linguística para se prever um padrão sonoro não marcado, de forma que um som não marcado se padronizaria assimetricamente em relação aos outros sons por ser:

- 1. alvo de processos fonológicos tais como redução, apagamento, assimilação;
- 2. resultado de processos fonológicos tais como epênteses, neutralização, metástases;
- 3. mais amplamente distribuído;
- 4. mais foneticamente variável;
- 5. mais fácil de produzir;
- 6. mais fácil de identificar (boa informação perceptual);
- 7. mais confundível com outros sons (informação perceptual ruim);
- 8. mais frequente na língua;
- 9. mais frequente entre as línguas;
- 10. adquirido mais cedo;
- 11. preservado na formação de línguas crioulo.

No entanto, a partir desse conjunto de diagnósticos, por vezes contraditórios e facilmente falseáveis. Hume (2008, p.) levanta uma série de questões, dentre elas: "O que subjaz o diagnóstico acima?". A essa pergunta obtém-se uma resposta circular: é a marcação que unifica esse conjunto de diagnósticos; ou seja, além da marcação não explicar o diagnóstico, esse mesmo diagnóstico também não explica marcação. Dessa forma, marcação deve ser melhor entendida como um termo descritivo e não um conceito científico. Ela trata de 'desconstruir' o conceito de marcação, retomando a visão de que os valores de marcação de um dado elemento dependem daquele sistema linguístico em questão, aproximando-se assim do ponto de vista de Trubetzkoy (1939).

Segundo Hume (2004), o termo marcação deve ser considerado uma noção probabilística, com a previsibilidade positivamente correlacionada com a não marcação. Para a autora, um elemento que é previsível dentro de um sistema é menos crucial para o sucesso da comunicação do que aquele que é menos previsível. Hume (2008) apresenta uma abordagem teórica, cujas bases da marcação estão num processo cognitivo denominado expectativa, a qual é quantificada em termos de probabilidade.

Nessa abordagem podem-se prever corretamente padrões em línguas individuais diferentes dos chamados padrões universais, no sentido em que o termo expectativa está vinculado ao falante/ouvinte individual e é definido de acordo com o contexto linguístico ou extralinguístico onde aquele padrão ocorre.

Dessa forma, esse padrão pode diferir de língua para língua de diferentes formas, como, por exemplo, o contexto em que ele ocorre, o indivíduo que o usa, a frequência com a qual tal padrão ocorre, etc. Da mesma forma, podem-se prever corretamente as diferenças e similaridades entre as línguas com base em diferentes níveis de expectativa. A marcação é, portanto, melhor determinada na base de uma língua específica.

Nesse modelo teórico, tendências e instabilidade são consideradas como efeitos de expectativa. Tendências são resultados de processos fonológicos, por exemplo, epêntesis, metátesis, neutralização; padrões adquiridos mais cedo; e padrões preservados em línguas crioulas. *Instability* por sua vez, diz respeito à variabilidade fonética e é alvo de processos fonológicos como redução, assimilação e apagamento.

Os fatores que influenciam a expectativa podem ser divididos em três grupos: (i) os fatores de produção (facilidade de produção) e os de percepção (pistas fortes ou fracas), (ii) fatores sociais (significado social) e fatores cognitivos (facilidade de processamento) e (iii) o conhecimento de língua(s) do indivíduo, por exemplo, léxico, generalizações fonológicas, informações sobre a distribuição dos padrões, suas frequências, suas relações e similaridades com outros padrões armazenados. Para Hume (op. cit.), a expectativa, como um processo cognitivo do usuário de uma língua, é a propriedade que subjaz todos os diagnósticos de marcação elencados acima (1 a 11), no sentido em que todos os falantes/ouvintes de uma determinada língua têm expectativas sobre os padrões linguísticos que eles produzem ou percebem.

Essas expectativas refletem a experiência desse falante/ouvinte com os padrões de sua própria língua, assim, a experiência guia a expectativa que por sua vez influencia o comportamento do indivíduo sobre esse comportamento ou atitudes, podemos citar Bisinoto (2007) que aborda de uma forma mais profunda sobre Atitudes Sociolinguísticas. Outro conceito introduzido por Hume (2004) é o de previsibilidade que se relaciona por um lado com a instabilidade do previsível, por exemplo, o que sofre apagamento, redução, assimilação, e por outro, se relaciona com as tendências em direção ao previsível, resultados de metátesis, epêntesis, dissimilação. A previsibilidade está assim nas bases da marcação.

Para Hume (2008) enquanto por um lado, marcação é um 'rótulo' descritível, pois não explica nada, o conceito de previsibilidade oferece explicação tanto para a instabilidade de um elemento quanto para a tendência em relação aquele mesmo elemento. A previsibilidade de um elemento depende de ambas as propriedades universais e do sistema linguístico no qual aquele elemento ocorre, de forma que ambos os padrões universais e específicos de língua são

previstos. Além do mais a previsibilidade é quantificável, o que a aproxima mais de uma teoria rigorosamente científica de observações, o que não ocorre com o conceito tradicional de marcação.

Nessa perspectiva, o conhecimento da língua inclui ambas as informações qualitativas, ou seja, quais são as propriedades de um padrão, e informações quantitativas, ou seja, a frequência em que um padrão ocorre. Para Hume (2008), para se entender os efeitos de uso nos padrões linguísticos deve-se levar em consideração vários fatores, dentre eles a frequência da palavra; o número de palavras que são foneticamente similares àquela palavra sob estudo, pois uma vizinhança densa pode mascarar o efeito de frequência lexical; a frequência de um padrão fonológico relevante, por exemplo, fonotático, contraste, tipo de sílaba; se as palavras são conhecidas ou não pelo ouvinte; uma determinada tarefa requisitada pelo falante/ouvinte (identificação, discriminação).

Portanto essas variações [ʧ] e [ʤ] são discutidas de forma diversificada por vários pesquisadores, mas nossa grande questão é qual o ambiente condicionador dessas variedades [ʧ] e [ʤ].

3.1.2 Casos de distribuição complementar

Retomando o conceito de distribuição complementar dando ênfase nas africadas que aparecem em algumas línguas do português brasileiro, como consequência da palatalização (ou africação) das oclusivas alveolares diante de vogal alta anterior (I). As oclusivas alveolares /t/ e /d/ assimilam o domínio de palatalização da vogal alta /i/, tornando-se alveopalatais. Com a palatalização, as oclusivas alveolares passam a ser produzidas como africadas alveopalatais, sendo pronunciadas com a parte anterior da língua tocando o palato duro. Nesse caso, ocorre a mudança do lugar de articulação – de alveolar para alveopalatal – e do modo de articulação – de oclusiva para africada. Silva (2001, p. 33) descreve da seguinte forma a africada:

Na fase inicial da produção de uma africada os articuladores produzem uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino encontra-se levantado (como nas oclusivas). Na fase final dessa obstrução (quando se dá a soltura da oclusão), ocorre uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (como nas fricativas).

Fonologicamente, no português brasileiro, mais especificamente nos dialetos nos quais ocorre a palatalização das oclusivas alveolares, as africadas representam alofones dos fonemas /t/ e /d/. Tradicionalmente, é dito que as africadas encontram-se em distribuição complementar

(SILVA, 2001, p. 132): /t/ /d/ ocorrem, respectivamente, como [t] [dʒ] diante de /i/ (e variantes [i], [i]) /t/ /d/ ocorrem, concomitantemente como [t] [d] nos demais ambientes.

O [f] [dʒ] são alofones de [t] [d] e fonemas de [ʃ] [ʒ], na variedade cacerense o [t] [d] não dão origem a [f] [dʒ], mas esses alofones surgem de [ʃ] [ʒ].

Trata-se na verdade não de um processo de variação, mas de um processo já constituído historicamente.

De acordo com os dados abaixo, observaremos em que ambiente ocorre [ʧ] [ʤ] em posição de onset ou coda. Vamos constar em que *status* esses dois seguimentos acontecem na variedade cacerense e distrito do Porto do Limão.

Para realização da pesquisa foi elaborada uma lista com 40 palavras, em seguida fizemos uma visita no distrito Porto do Limão para conhecer e nos familiarizar com os moradores, observando dados e comportamentos, sem intuitivo de falar de pesquisa, mas de conhecer a realidade do distrito de Cáceres, tudo para tornar a pesquisa mais natural possível, ressaltamos que fomos a lócus Porto do Limão, porque nossa pesquisa deu início no município de Cáceres onde residimos e propusemos nos estender até o distrito do Porto do Limão que fica na divisa do Brasil com a Bolívia.

Entrevistamos 40 pessoas nativas de Cáceres e distrito Porto do Limão.

Quadro 4 – Silabas em coda e onset.

	Representação fonética de Cáceres e comunidade	Representação Fonética do português padrão	Representação Fonológica do português padrão	Escrita/ grafia
1	Porto do Limão	['lonia]	/'lapiS/	lánia
2	['lapiʃ]	['lapis] ['kis]	/ lapis/ /'kiS/	lápis
3	['kiʃ]	[ˈmezmo]	/'meSmo/	quis
4	['meʒmu]	[mes]	/ meS/	mesmo mês
5	['meʃ]	['tras]	/ 'traS/	
	['traʃ]			trás mais
6 7	['maʃ]	['mais]	/'maiS/	
	[,3i <u>[</u>]	['ʒis]	/'3iS/	giz
8	[ʒaʻiʃ]	['rais]	/'raiS/	raiz
9	[trêʃ]	['três]	/'trêS /	três
10	['kaʃka]	[kaska]	/ka'Ska/	casca
11	['paʃ]	['pas]	/'paS/	paz
12	['letraʃ]	['letras]	/'letraS/	letras
13	['veʃgo]	['vesgo]	/'veSgo/	vesgo
14	['veʃ]	['ves]	/'veS/	vez
15	['cɔʃtaʃ]	[sataco*]	/'coSaS /	costas
16	['luʃ]	['lus]	['luS]	luz
17	[kuʃ''kuʃ]	[kuʃskus]	/ku'SkuS/	cuscus
18	['kyuʃ]	['k yus]	/'k γuS/	cruz
19	['doʃ]	['dos]	/'doS/	dois
20	[pa'reʃ]	[pa'res]	/pa'reS/	pares
21	['dʒãta]	[3anta]	/'3aNta/	janta
22	['ʤipi]	[3ipe]	/'3ipe/	jipe
23	[ɣeʻlɔʤu]	[re'lɔgio]	/re'lɔʒio/	relógio
24	[dʒaka'rɛ]	[3aka'rɛ]	/3aka're/	jacaré
25	['ʧavi]	['ʃave]	/'∫ave/	chave
26	['ʤirafa]	[3i'rafa]	/3i'rafa/	girafa
27	['ʤoeλu]	[3ο'eλο]	/30'eλo/	joelho
28	[dʒa'kə]	[ja'kə]	/ 3 a'kə/	jaca
29	['dzaketa]	[ʒa'keta]	/3a'keta/	jaqueta
30	[pi'ʤama]	[pi'3ama]	/pi'3ama/	pijama
31	['ʧamei]	[´ʃmei]	/ʃamei/	chamei
32	[ʧa′rɔpi]	[ʃaˈrɔpi]	/ʃa'rɔpi/	xarope
33	['dzejto]	['ʒejto]	/ʒeito/	jeito
34	['ʧero]	['ʃero]	/ʃero/	cheiro
35	[ʤa'tu]	[ʒa'tu]	/ʒa'tu/	jato
36	['ʤara]	['ʤara]	/ʒara/	jarra
37	[ʧa'pɛu]	['ʃapɛu]	/зареw/	chapéu
38	[ʧa'vero]	['ʃavero]	/ʃaveiro/	chaveiro
39	[ʧo'raɪ]	['ʃoɾar]	/'ʃorar/	chorar
40	['ʧìko]	['ʃiko]	/'ʃiko/	chico

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Quadro 5 – Sobreposição um fonema substitui o outro em posição de coda.

/ t ʃ/	Só ocorre em posição de onset	N.D.A
[ʧ]	8	Ø
[ʃ]	Ø	20

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

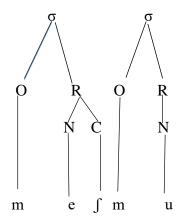
Quadro 6 – Silabas em onset.

/d ʒ /	Só ocorre em posição de coda	N.D.A
[dʒ]	Ø	12
[3]	20	Ø

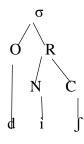
Fonte: Elaborado pela autora (2017).

(Sílabas em coda)

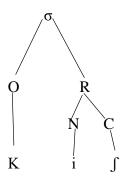
a) ['meʃ mu]



b) ['diʃ]



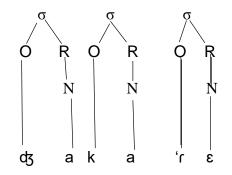
c['kiʃ]

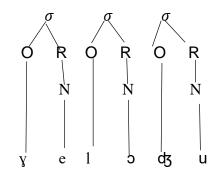


(Sílabas em onset)

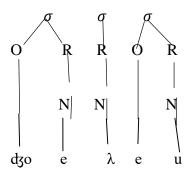
d) [dʒaka'rε]







f) [ʤo'eλu]



Foram analisados pares mínimos, 40 palavras, árvore das silaba em coda e onset, para obter o resultado da questão que nos inquietava, qual o ambiente condicionador das africadas [ʧ] [ʤ], porque supomos através das leituras referentes às africadas que era relacionado a fatores extralinguístico, ou seja idade, escolaridade, posição social, mas decidimos fazer analise fonética e fonológica para constatarmos nosso objetivo.

Portanto, constamos através dos dados dos quadros 5 e 6, acima que [f] e [dʒ] só ocorre em onset, é mais recorrente é adquirido primeiramente, ocorre em posição de ataque em posição inicial da sílaba, sendo que [ʃ] e [ʒ] só ocorre no final da sílaba ou posição medial, é a sílaba mais fraca, consequentemente os dados falaram por si que /f/ e /dʒ/ são fonemas da língua na variedade cacerense e [ʃ] e [ʒ] são alofonia, enfatizando que essas fricativas tem duas realizações.

Considerando as informações obtidas comprovadamente as fricativas $[\int]$ e $[\Im]$ e as africadas $/\Re$ e $/\Im$ estão em distribuição complementar, pois onde um seguimento ocorre o outro nunca ocorre.

Segundo Pike (1947) é previsto que um falante escolha a forma mais simples para pronunciar as sílabas, mas na variedade cacerense e distrito Porto do Limão é evidente que optaram pela sílaba mais complexa como já expomos que a recorrência das africadas são mais pronunciadas.

CONSIDERAÇÕES

Nosso trabalho foi realizado em Cáceres-MT, com foco principal no distrito Porto do Limão localizado a 45 km da fronteira Brasil-Bolívia, teve como objetivo verificar os dois segmentos, as africadas [ʧ] e [ʤ] na variedade cacerense. Como tínhamos verificado que as pesquisas sobre as africadas em Cáceres foram abordadas pelo viés Sociolinguístico, tomamos como pressuposto que essa variedade era um caso de motivação extralinguística, ou seja, idade, sexo, escolaridade, classe social, regional, conforme trabalhos anteriores.

Para responder as nossas inquietações resolvemos partir para pesquisa na perspectiva fonêmica no modelo estruturalista, proposta por Kenneth Lee Pike, em que parte do específico para o geral, os dados foram coletados e transcritos foneticamente para a interpretação fonológica das africadas.

Há uma sobreposição das africadas surdas e sonoras [ʧ] [ʤ] pelas fricativas pósalveolares [ʃ] [ʒ] no sistema na posição de onset.

Os dados nos quadros 5 e 6 apontam para outra realização das africadas. Os dados revelam que as sílabas em coda em posição inicial, medial e final de palavras não são pronunciadas como consoante africada palatal [t]] e [dʒ], mas como fricativa palatal /ʃ/ /ʒ/, geralmente elas ocorrem como [ʃ] [ʒ] nesta posição final de sílaba.

Ressaltamos que no quadro 5 que [\$\frac{1}{3}\$] e [\$\frac{1}{3}\$] só ocorrem em onset, eles são mais recorrente são adquiridos primeiramente trata-se do seguimento mais identitário da minha variedade de fala o mais recorrente, eclode em posição de ataque na posição inicial da sílaba, sendo que [\$\infty\$] e [\$\frac{1}{3}\$] só ocorre no final da sílaba, coda, consequentemente os dados falaram por si que \$\frac{1}{3}\$] e [\$\frac{1}{3}\$] são alofones. Considerando as informações obtidas comprovadamente as africadas \$\frac{1}{3}\$] e [\$\frac{1}{3}\$] são em distribuição complementar, pois onde um seguimento ocorre o outro nunca ocorre.

De modo geral percebemos que essas variedades estão presentes em todos os âmbitos da sociedade cacerense independente dos fatores extralinguísticos, aprofundamento desse estudo e os dados constaram por si que o condicionamento dessas africadas são linguísticos e não extralinguístico, porque [ʃ] [ʒ] só ocorre em coda e /ʧ/ /dʒ/ em onset, sendo uma questão fonética e fonológica.

Trata-se, assim de distribuição complementar, onde a motivação é a própria estrutura da língua da Língua Portuguesa no município de Cáceres-MT, se estendendo até o distrito do Porto do Limão na fronteira Brasil-Bolívia, onde nossa pesquisa foi realizada.

REFERÊNCIAS

BISINOTO, L. S. J. **Atitudes sociolinguísticas:** efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes, 2007.

CAGLIARI, L. C. Análise fonológica. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

COX, M. I. P.; ASSAD, C. F. O ele e o erre só trazem 'compricação' – um estudo das representações de /l/ e /r/ na escrita de crianças em processo de alfabetização. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 8, n. 13, p. 143-156, 1999.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of english**. New York: Harper & Row, 1968.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. Subjuntivo independente. In: CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 30 -50.

FOUCHER, M. Obsessão por fronteiras. São Paulo: Radical Livros, 2009.

GARCIA, F. C. **Fronteira iluminada:** história do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 2010.

HAUY, A. B. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1989. (v. I)

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Trad. Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: UNESP, 2004.

IBGE, Censo Demográfico: dados distritais/Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. RJ: IBGE, 2001.

JONES, M. A. Sintassi della lingua sarda. Cagliari: Condaghes, 2003.

KARIM, J. M. A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2004.

______. A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais. 2012. 183 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACHADO, N. J. **Epistemologia e didática:** as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARTIN, B. From pre - to postmodernity in Latin America: the case of Pentecostalism. In: HEELAS, P. (ed.). **Religion, modernity and postmodernity**. Oxford/ Malden: Blackwell, 1998, p. 50-60.

MARTINS, J. S. **Fronteira:** a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MENDES, N. F. Cáceres: origem, evolução e presença da força armada. **Diário Oficial do Estado de Mato Grosso**. Suplemento de Cultura, n. 15/16, Cuiabá: Impressa Oficial do Estado de Mato Grosso, 1992.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004. (v. 1)

PALMA, M. L. C. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso:** um estudo sociolinguístico. 1980. 124 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

PALMA, M. L. C. Variação fonológica entre segmentos africados e fricativos em Mato Grosso: um estudo sociolinguístico. 2005. Xx f. Tese (Doutorado em xxxxxxx) – Pontofícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. O falar cuiabano em Mato Grosso – estigma, status e atalhos. In: ALMEIDA, M. M. S.; COX, M. I. P. (orgs.). **Vozes cuiabanas:** estudos linguísticos em Mato Grosso. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005, p. 139-166. (v. 5)

PIKE, K. L. **Phonetics**: a critical analysis of phonetic theory and a technic for the practical description of sounds. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

PRATT, M. L. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In:

_______. Literatura & história: perspectivas convergências. São Paulo:
Edusc, 1999, p. 17-54.

RAFFESTIN, C. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, L. P. **Zonas de fronteira internacionais na atualidade:** uma discussão. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

http://www.academia.edu/33910795/Zonas_de_Fronteira_internacionais_na_atualidade_uma_discuss%C3%A3o. Acessado em: 15 mai. 2018.

SILVA, M. P. **A dinâmica de um processo de mudança:** variação entre [ãw] e [õ] em Mato Grosso. 2005. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA NETO, S. **História da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SILVA, R. V. O português arcaico: fonologia. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.

Despertar para a fronteira. Campo Grande: UFMS, 2009, p. xx-xx.
e aspectos da integração linguística em uma das fronteiras Brasil/Bolívia. In:
SILVA, R. V.; RAVANELLI. M. S.; RIVAS, V. E.; GAERTNER, L. G. Línguas em contato

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA-HIGA, Tereza Cristina Cardoso de; HIGA,Pantanal Mato-Grossense: aspectos fundiários e dinâmica populacional no município de Barão de Melgaço. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Cuiabá, v. 60, p.15, 2008.

TEYSSIER, P. História da Língua Portuguesa. Lisboa: Sá Correa, 1984.

_____. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRUBETZKOY, N. Grundzüge der phonologie. Göttingen: Vandenhoek; Ruprecht, 1939.





ANEXO IIPlanta da comunidade Porto do Limão.



Fonte: Fotografia do acervo de Wanderley Silva (11 de setembro de 2017).

ANEXO III

Placa informativa.



ANEXO IV

A comunidade Porto do Limão fica as margens do rio Jauru.



ANEXO VCasa ribeirinha nas margens do rio Jauru.

